

O [controverso] significado de urbanidade

Paulo Afonso Rheingantz^[1]

Grupo de Pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem – ProLUGAR

Resumo

Este artigo propõe *uma* reflexão sobre o controverso significado de *Urbanidade* com base no entendimento de *coletivo* e de *tradução* proposto por Bruno Latour. Alinhado com a Actor-Network Theory (ANT), explora as possibilidades de *traduzir* o mundo como uma rede configurada pela justaposição de um conjunto dinâmico e heterogêneo de fluxos ou experiências e possibilidades não deterministas. Diferentemente de *relato* e *representação*, traduzir implica em fazer conexão, se ligar a; supõe percepção, interpretação e apropriação. *Urbanidade* (que implica em *Desurbanidade*) pode ser *traduzida* como um *coletivo* que resulta das relações e interações entre humanos e não-humanos cujo entendimento depende do contexto vivencial de nossas experiências. O ambiente urbano em si reúne a materialidade de seu espaço físico e os elementos humanos que os habitam, seus valores, afetos e emoções. Estes *sentimentos ou traduções de Urbanidade* não podem ser completamente ou fielmente traduzidos em palavras. Eles se manifestam nas relações entre os diversos atores humanos e não-humanos presentes. O *sentimento de Urbanidade* contém (mas não se limita a ela) a materialidade do ambiente urbano e não deve ser entendido como uma moldagem concebida exclusivamente pelos humanos. Ele resulta da relação entre o mundo das coisas em si – natureza – e o mundo dos homens em si – sociedade. O sentimento de *Urbanidade* antecede o urbanismo e suas teorias e sua qualidade pode ser entendida como um conjunto de narrativas a serem traduzidas em sua dinâmica complexidade. Em lugar de uma grande história e narrativa, reúne e cultiva diversas narrativas menores tecidas por um fio múltiplo mas comum. Para ilustrar o entendimento de *Urbanidade* proposto, apresenta um conjunto de narrativas da rua Pires de Almeida, no Rio de Janeiro, lugar reconhecido tanto pela qualidade de sua arquitetura quanto de moradia, cuja *Urbanidade* pode ser traduzida como um mundo comum.

Palavras-chave: urbanidade, coletivo, qualidade do lugar

Abstract

This article proposes a reflection for the controversial meaning of *Urbanity* based on the proposition of *collective* and *translation* by Bruno Latour. Aligned with the Actor-Network Theory (ANT), it explores the possibilities of translating a world as a net configured by the juxtaposition of a dynamic and heterogeneous setting of flows and experiences and non-deterministic possibilities. Differently from report and representation, translation implies making the connection, linking to; supposes perception, interpretation and appropriation. *Urbanity* (that implies in *De-urbanity*) may be translated as a collective that results from the relations and interactions between humans and non-humans, which understanding depends on the living context of our experiences. The urban environment per se gathers the materiality of its physical space and the human elements inhabiting it, their values, affections and emotions. Those sentiments or translations of *Urbanity* cannot be totally or faithfully translated into words. They manifest in the relationship of the various existing human and non-human participants. The Sentiment of *Urbanity* contains (but it is not limited to) the materiality of the urban environment and should not be understood as a molding conceived exclusively by humans. It is the result of the relationship of the world of things per se – nature – and the world of men per se – society. The Sentiment of *Urbanity* precedes urbanism and its theories and its quality can be understood as a set of narratives to be translated in its dynamic complexity. Instead of a great history and narrative, it connects various smaller narratives weaved by a multiple and common thread. To illustrate the proposed understanding of *Urbanity*, the article presents a set of narratives on Pires de Almeida Street, in Rio de Janeiro, a place as known by its quality architecture as by its dwelling qualities, whose *Urbanity* may be translated as a common world.

Keywords: urbanity, actor-net theory, collective, quality of place

Introdução

Inspirado nas abordagens Atuacionista[2], Experiencial[3] e nos Estudos de Ciência Tecnologia e Sociedade – especialmente a Teoria Ator-Rede (ANT), ou Sociologia da Tradução –, este artigo explora um *caminho do meio* entre a ciência clássica e o senso comum. Questiona o entendimento de que Urbanidade se resolve no âmbito dos homens entre si e convida o leitor a considerar a que, na *Atualidade* – caracterizada pela “instabilização de referenciais que davam conta da inteligibilidade dos modos pelos quais nos constituímos enquanto sociedade e de nossos processos de subjetivação e de produção de conhecimento” (Pedro 2010) –, seja conveniente entender *Urbanidade* como um *coletivo* que é produzido nas relações e interações entre humanos e não-humanos.

Nesta perspectiva, pretende demonstrar que Urbanidade é *uma experiência* que *não é um fato que está nas pessoas ou no ambiente construído*; que, a exemplo da doçura do açúcar – que é produzida *durante* nossa interação com o açúcar (Roland Fischer *apud* Capra 1991), *é um fato que acontece na relação entre ambos*. Se Urbanidade é uma relação, não é possível falar dela como algo exterior a nós e passível de ser observado com distanciamento crítico. Também apresenta dificuldades de enquadramento no discurso Científico, uma vez que as teorias, conceitos e instrumentos de análise não conseguem dar conta de explicar qualquer experiência produzida em um mundo que não é pré-definido e que não depende do observador.

Qualquer experiência da realidade é indescritível! Olhe ao seu redor por um instante e veja, ouça, cheire e sinta onde você está. ... Sua consciência pode partilhar de tudo isso num único instante, mas você jamais conseguirá descrever tal experiência ... qualquer experiência é indescritível. (Laing *apud* Capra 1991: 111)

Como a realidade de *uma experiência* é uma relação produzida durante a experiência que se propõe a explicar, convém não esquecer que sua explicação - que é uma outra forma de experiência –, não deve ser confundida com a própria experiência.

Também a Ciência é um modo de explicar. Existem diversos modos de explicar ou de aceitar as reformulações e as explicações da experiência, é preciso levar em conta que “o que faz com que alguém seja um cientista é a paixão pelo explicar, não pelo buscar a verdade” (Maturana 2001: 52). Como existem inúmeras realidades diferentes mas igualmente legítimas, a *realidade* é sempre uma proposição explicativa. O que define um cientista em ação “é o modo de explicar, o critério de aceitação de explicações que usa” (Maturana 2001: 39). Em outras palavras, suas explicações científicas são “universais” apenas para aqueles que aceitam o seu critério de validação. A não aceitação dos critérios de validação de uma proposição explicativa, como a apresentada neste artigo, pode ser uma decorrência de estarmos transitando em diferentes [mas igualmente válidos] domínios da realidade.

Inicialmente apresento um conjunto de fundamentos ou critérios de validação que caracterizam o domínio da realidade em que estou transitando, bem como o significado de algumas palavras-chave utilizadas por Bruno Latour e necessárias para o entendimento da Teoria Ator-Rede (ANT). A seguir, recorro a um estudo de caso – o conjunto urbano de reconhecida qualidade como o da rua Pires de Almeida, na cidade do Rio de Janeiro – para explorar as possibilidades de um

método que “permite documentar tanto a construção do fato quanto da ficção” (Latour 2000: 166). Pretendo explorar a possibilidade de entender Urbanidade-[des]Urbanidade não como uma qualidade dos seus moradores e frequentadores ou da arquitetura do conjunto, mas como o resultado do fluxo contínuo de relações que ocorrem no **coletivo** da rua Pires de Almeida, configurado por um conjunto de **atores**[4] humanos e não-humanos. As manifestações de Urbanidade ou de [des]Urbanidade, em lugar de fatos estáveis, concretos, são fluxos e possibilidades dinâmicos de uma rede que se caracteriza pela justaposição de materiais ou eventos heterogêneos envolvendo espaço, tempo e conhecimento ou experiência. A incursão no **coletivo** Pires de Almeida, que reúne a materialidade de seu espaço físico e os elementos humanos que os habitam, seus valores, afetos e emoções, busca evidenciar que seu entendimento depende do contexto vivencial das relações ou experiências nele produzidas.

Realidade e Explicação da Experiência em Humberto Maturana

Segundo Humberto Maturana a **realidade** é sempre uma proposição explicativa. Não se deve confundir o explicar com a experiência que se quer explicar: **explicar** é sempre uma reformulação da experiência que se tenta explicar, mas nem toda reformulação da experiência é uma explicação, enquanto uma **explicação** é sempre uma “reformulação da experiência aceita por um observador” (Maturana 2001: 28-29). Este entendimento de realidade e do explicar nos remete ao entendimento de **relato**, que significa ato ou efeito de relatar; relação; exposição escrita ou oral sobre um acontecimento; narração, descrição, informação. (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 2009). Os relatos, mesmo os científicos, não são verdades, mas *traduções*.

O autor observa que um ser humano na linguagem [ou um observador na experiência] é, a um só tempo, o ponto central e o ponto de partida da reflexão. Mas ele também observa que não se deve confundir a explicação desta experiência com a própria experiência: como a experiência é uma relação vivencial, que não se refere a como as coisas são, independentemente das pessoas, sua explicação sempre será uma reformulação da experiência aceita por um observador (Maturana 2001).

Abordagem Experiencial (AE)

A AE se baseia no entendimento de que a percepção é um conjunto de “ações perceptivamente guiadas” (Varela 1992: 22) e na *abordagem atuacionista* – que contrapõe ao pressuposto “prevalente nas ciências cognitivas como um todo, de que a cognição consiste na representação de um mundo que é independente de nossas capacidades perceptivas e cognitivas por um sistema cognitivo que existe independente desse mundo” (Varela, Thompson, Rosch 2003: 17). Entende a *cognição como ação incorporada*, e focaliza a experiência vivenciada por um observador em um determinado ambiente em uso, que muda de significado conforme mudam as circunstâncias. O observador produz *uma* experiência na interação com o ambiente e com os outros a ser explicada com base na subjetividade[5]. Sua *atenção* se volta para a compreensão ou o entendimento das razões, nuances e significados durante a experiência vivenciada no lugar ou ambiente considerado. Em outras palavras, **a experiência e os resultados são produzidos conjuntamente**; não são algo pré-determinado, estático e imutável, mas o resultado de uma explicação que também não é independente do observador. Assim, segundo a AE, não é possível ter

acesso a uma realidade independente do observador. A “realidade é uma proposição explicativa” (Maturana 2001: 37) que resulta de um processo contínuo de produção no qual tanto os humanos quanto os não-humanos se produzem continuamente em sua mútua relação. Implica em uma postura aberta e atenta ao ambiente ou *coletivo* composto de homens, coisas e técnicas cujo movimento “apaga” as fronteiras entre sujeito e objeto (Pedro 1998); aceitar a impossibilidade de “uma mente lá dentro” observar “um mundo lá fora” (Latour 2001: 338); e na inadequação do distanciamento crítico e sua pretensa neutralidade. Na mesma linha de raciocínio, o neurologista António Damásio (1996: 255) observa que “quando vemos, ouvimos, tocamos, saboreamos ou cheiramos o corpo e o cérebro participam na interação com o meio ambiente.”

Teoria Ator-Rede (Actor-Network Theory – ANT)

Nesta seção, procuro apresentar e explicar os princípios da ANT, “um nome ou termo que incorpora uma tensão que se situa entre o centrado no ‘ator’ e o ‘descentralizado’ na rede (Law 1999: 5). Ela que se baseia no entendimento do mundo [ou da realidade] como uma rede configurada pela justaposição de um conjunto dinâmico e heterogêneo de experiências ou de fluxos e possibilidades não deterministas. “A noção de rede é ela própria uma forma – ou talvez uma família de formas – de espacialidade, que impõe fortes restrições sobre as condições de possibilidade topológica”[6] (Law 1999: 7). Proposta por [Michel Callon](#), [Bruno Latour](#) e John Law, esta abordagem considera que os **atores**[7] humanos e não humanos estão interligados a um **coletivo**[8] ou rede social de elementos materiais e imateriais. A ANT se propõe a descrever as associações *seguindo os atores na rede*. Os atores humanos e não-humanos assumem *identificações*[9] de acordo com a sua estratégia de interação. Suas qualidades são definidas por meio de processos de negociação nos quais humanos e não-humanos são tratados como variáveis na análise da atividade científica (Wikipédia 2010). Segundo Latour (2005), A ANT é uma teoria forte de como não estudar as coisas, garantindo a possibilidade dos atores se expressarem.

A ANT baseia-se em dois conceitos-chave – **tradução**[10] e **rede sócio-técnica**[11] e possibilita traduzir um conjunto heterogêneo de narrativas com o propósito de contornar a precariedade e os dilemas presentes no processo de entendimento de Urbanidade (Cukierman 2007). Ela pode ser entendida como uma tentativa de ordenar elementos heterogêneos em torno de um mesmo fio condutor. Elementos que resultam em intervenções que navegam em um mar revolto de certezas e incertezas, de sucesso e insucesso, de onipotência e impotência. “As questões, as durações, os atores não são comparáveis e, no entanto, estão todos envolvidos na mesma história ... a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas.” (Latour 1994 *apud* Cukierman 2007: 59-60)

Na ANT o entendimento de rede significa transporte instantâneo e **sem deformação**; acesso imediato a cada parte de informação (Latour 1999) e possibilita *relacionar* a história social e a história das coisas da natureza [humanos + não-humanos]; *romper* as dicotomias entre natureza e sociedade, contexto de descoberta e contexto da justificação, interior e exterior, centro e periferia; *compreender* os conhecimentos tecnocientíficos como efeitos de uma multiplicidade de interações sociais e técnicas; *desenvolver um* modelo diferente sobre a descoberta e a invenção. A natureza torna-se o fato socialmente construído. A criação é um fenômeno coletivo e material e não o fruto de idéias geniais ou de processos cognitivos específicos. A novidade é um resultado e não uma qualidade inscrita nos dados de partida. O motor da descoberta não está nem na cabeça dos

indivíduos, nem nos critérios sociais estabelecidos: ele está distribuído num *coletivo*. (Machado 2006)

Segundo Law (1999) os efeitos da rede são precários e contém os atributos das entidades que nela se incluem e **é difícil saber o quanto uma rede é forjada**. O elemento comum a todos estes discursos é a luta pelo centro e pela ordem de um centro, que provoca problemas reconhecidos em diversos aspectos: somos heteroheterogêneos e a heterogeneidade pode ser bem diferente para quem é privilegiado e para quem não é; a necessidade (e a dificuldade) para considerar os ordenamentos *não-estratégicos* sem esquecer as relações de outra ordem que podem ser produzidas nas operações e relações em rede; e, finalmente, a exemplo da alteridade, a dificuldade de diferenciar uma forma da outra, em saber o que acontece com elas (Law 1999).

Vale reforçar o significado de algumas palavras-chave a ela associadas. Inicialmente, retomo o entendimento de **traduzir**: é fazer conexão, “se ligar a” e também supõe percepção, interpretação e apropriação, e pressupõe percepção, interpretação e apropriação, bem como tanto a ‘possibilidade de equivalência’ quanto de ‘transformação’. Além de interpretação e compreensão, traduzir possui significado lingüístico, figurado, geométrico – deslocamento de um lugar para outro. (Law 1992).

Outros termos cujos significados devem ser enfatizados, são sociedade e natureza. **Sociedade** “significa o resultado de um acordo que, por razões políticas, divide artificialmente as coisas em esfera natural e esfera social” (Latour 2001: 355). Na sociedade tecnológica, falar de **Natureza**, deve ser considerada “o resultado de um acordo altamente problemático” Latour (2001: 352) e não o palco racional da ação humana e social.

Não-humano, por sua vez, é “a versão de tempo de paz do objeto: aquilo que esse pareceria se não estivesse metido na guerra para atalhar o devido processo político. O par **humano–não-humano** não constitui uma forma de ‘superar’ a distinção sujeito-objeto, mas uma forma de ultrapassá-la completamente” (Latour 2001: 352); associações de **humanos e não-humanos** visam demarcar a diferença das relações mantidas pelos sujeitos e pelos objetos no interior do coletivo; elas apenas recordam “que não se fala *jámais* nem dos sujeitos nem dos objetos do bicameralismo antigo” Latour” (2004: 378).

Objeto, sujeito e subjetividade “são termos polêmicos, inventados para abreviar a política, uma vez colocada a natureza no lugar; não se pode usá-los, então, como cidadãos do coletivo, que só pode reconhecer sua versão civil: as associações de humanos e não-humanos” (Latour 2004: 381-381).

Sobre o Entendimento de Urbanidade:

Segundo os dicionários, Urbanidade significa morada na cidade, qualidade ou condição de ser urbano; civilidade, cortesia, afabilidade, boas maneiras. Na perspectiva da ANT seu entendimento pode ser muito diferente dos conceitos usualmente utilizados para interpretá-la, que “podem ser rígidos ou limitados demais para expressar a natureza dinâmica dos sentidos do corpo e da mente” (Tulku 1997: 229), e não pode ser representado nem resumido por teorias: Urbanidade é uma *relação* ou *experiência* vivenciada no *lugar* e pode ser entendida como uma grande narrativa a ser descrita em sua dinâmica complexidade desde sua base; como um conjunto heterogêneo e dinâmico de relações entre humanos (sociedade) e não-humanos (natureza). Como nada na

natureza é independente dos homens e vice-e-versa, não é possível separar a sociedade – o mundo dos homens em si – da natureza – o mundo das coisas em si. Segundo Latour (2001: 338) “não existe um mundo lá fora, não porque inexistam um mundo, mas porque não há uma mente lá dentro.” Se os atores são efeitos das redes, que por sua vez incorporam as entidades que abrigam ou acolhem (Law 1999), não é possível definir o *coletivo* Urbanidade. Uma das principais dificuldades a considerar é que o que pode ser entendido como Urbanidade por uns, pode ser entendido como Desurbanidade por outros. Como no Yin-Yang, ambos são complementares e indissociáveis. O entendimento de Urbanidade sempre implica na possibilidade de co-existência de Desurbanidade.

Muitas diferenças essenciais estão relacionadas com o espaço volumétrico ou regional. Por exemplo, as diversas versões de escala ou de tamanho, de revezamentos ou trocas entre humanos e não-humanos, entre social e material. Ao demonstrar que o que parece ser natural ou topograficamente natural em termos de mundo é, na verdade, produzido em redes que operam em diferentes tipos de espacialidades, a ANT ajudou a desestabilizar o Euclideanismo. (Law 1999)

Urbanidade-Desurbanidade na Rua Pires de Almeida

Nesta seção, fiel à idéia latouriana de uma ontologia do laboratório onde as coisas não estão definidas – elas se definem na própria ação^[12] - procuro demonstrar que a Urbanidade-Desurbanidade da rua Pires de Almeida é um fluxo de possibilidades não deterministas e concomitantes envolvendo atores humanos e não-humanos. Fiel ao princípio de simetria generalizada, apresento um conjunto heterogêneo de narrativas relativas ao *coletivo* rua Pires de Almeida para explicitar a precariedade e os dilemas presentes no processo de entendimento de Urbanidade-Desurbanidade. Processo de entendimento que está relacionado com as clássicas polarizações entre natureza e sociedade, contexto de descoberta e contexto da justificação, contexto e conteúdo. As narrativas reunidas a seguir evidenciam a atuação de humanos e não-humanos no *coletivo* rua Pires de Almeida, cuja história não se resume a apenas a uma história *social* ou a uma história *das coisas da natureza*. Buscam demonstrar que sua Urbanidade-Desurbanidade é um fato socialmente construído, fenômeno coletivo e material cuja novidade é *um resultado*, e *não uma qualidade inscrita nos dados de partida*.

Descrição: Descrição: PAR Fig01 Praca Mucio Leitao



Figura 1 – Viata da Praça Múcio Leitão.
Fonte: Rheingantz, Alcântara, Barbosa (2007)

Narrativa 1: Entre Laranjeiras e Cosme Velho, o conjunto de 23 edifícios e 158 unidades de 1 a 4 quartos *art déco* e o desenho urbano da rua Pires de Almeida e da praça Mucio Leitão (Fig. 1) é um lugar de reconhecida qualidade urbana. Foi concluído em 1927 para abrigar as diversas categorias de empregados de uma companhia de seguros. Nos anos 50 o conjunto foi parcelado e as unidades vendidas. A morfologia urbana, a presença de janelas a partir do térreo, a inexistência de elementos ostensivos de proteção e os baixos índices de criminalidade sugerem segurança e acolhimento[13]. Sua ambiência – especialmente pela praça, *marco* do lugar e *ponto nodal* de circulação e congregação comunitária – remete à cidade tradicional. Os primeiros quatro blocos, com seis pavimentos, possuem sacadas de ferro, entradas com mármore e elevadores. (Fig. 4) Na praça os edifícios são de quatro pavimentos e, na parte final da rua, de três pavimentos (Figs. 2, 3 e 5). Todos os edifícios possuem dependências de empregados localizadas no último pavimento. As dimensões da praça e da rua possibilitam aos moradores e frequentadores visualizar inclusive as feições [e intenções] de qualquer pessoa ou animal que esteja na praça ou dela se aproxime e configuram um ambiente protegido e facilmente vigiado.[14]



Figura 2 – Localização e hierarquia viária. Fonte: Rheingantz, Alcantara, Barbosa (2007 - digitalização s/ortofoto Folha 287C - Acervo IPP)

Figura 3 – Setores da Rua Pires de Almeida Fonte: Rheingantz, Alcantara, Barbosa 2007 - digitalização s/cadastral Folha 287C – Acervo IPP)

As fachadas e as entradas dos edifícios são marcadas por desenhos decorativos geométricos, ritmos dos vãos e aberturas emoldurados por reentrâncias e relevos também geométricos, balcões que avançam no alinhamento frontal e dinamizam o conjunto com suas sombras projetadas. O conjunto também têm servido de cenário para filmagens cinematográficas e televisivas de época (Fig. 6). A última reforma da praça e a pintura externa das fachadas dos edifícios que circundam a praça foi patrocinada por uma rede de televisão.

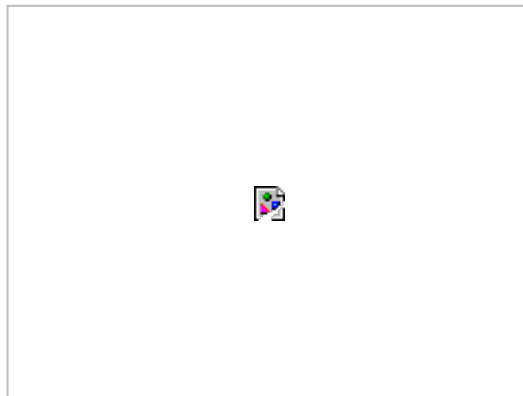


Fig. 4 – Esquina com Rua das Laranjeiras e Edifícios do Setor A (6 pavimentos)
Fonte: O autor (2010)

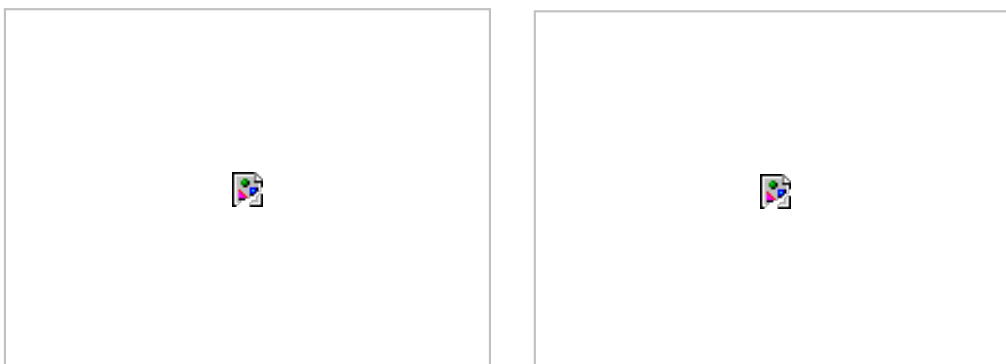


Fig. 5 - Edifícios do Setor C, com 3 pavimentos Fonte: O autor (2010)

Figura 6 – Filmagens do seriado JK Fonte: O autor, 2006

Narrativa 2: A importância histórica e arquitetônica do conjunto também são reconhecidas. Além de acolher, entre seus moradores e frequentadores, artistas e personalidades como Cândido Portinari, Ernesto Nazaré, Stanislaw Ponte Preta, Noel Nutels, Regis Bittencourt e Afonso Reidy, serviu de refúgio para diversos críticos do regime militar e como “moradia de artistas alternativos nos anos 70, ... ponto de encontro dos *Hell's Angels* nos anos 80”[15]. Sua qualidade arquitetônica e urbanística motivou o tombamento dos quatro primeiros blocos (Lei Municipal 1258/85). Em 1986 o conjunto dos quatro blocos entre a rua das Laranjeiras e a praça foi tombado pelo Município (Projeto de Lei N^o. 1258/85). Em 1987, a Rua Pires de Almeida, a Praça Múcio Leitão e o conjunto de edifícios foram considerados Área de Preservação Ambiental (Decreto N^o. 7046 de 28/10/1987)[16]. Em 1991, foram criadas sete sub-áreas de preservação na cidade, uma delas a Rua Pires de Almeida uma delas (Lei 1784 de 31/10/1991).

Narrativa 3: reportagens e artigos de jornais transmitem imagem positiva e valorização do lugar tanto nos aspectos materiais, quanto imateriais, sentimentais e subjetivos. Os títulos das matérias são esclarecedores: *Endereços Especiais*[17]; *Na fronteira entre Laranjeiras e Cosme Velho, um pedacinho da antiga Europa*[18]; *O ‘ouvinte’ das árvores*[19]; *Uma rua tranqüila, como em 1927*[20]; *Longe da telinha, prevalece a tranqüilidade*[21]; *Um pedacinho da Europa preservado na fronteira de Laranjeiras com Cosme Velho*[22]; *Uma praça pública quase particular*[23].

Descrição: Descrição: PAR Fig07 Pca Mucio Leitao



Figura 7 – Praça Múcio Leitão, amplamente usada todos os dias para o lazer infantil.

Fonte: Rheingantz, Alcantara, Barbosa, 2009)

Narrativa 4: “Todos os meus amigos estão aqui. Todo mundo se conhece e eu posso ficar até uma, duas horas da madrugada na pracinha (Fig. 8). Aqui é muito tranqüilo” [24]; “aqui encontrei um pouco do interior no Rio de Janeiro ... ao cruzar a guarita a sensação é a de estar entrando em outra época, com a arquitetura *art déco* dos edifícios e sua altura proporcional à largura da rua; as

brincadeiras de crianças, as conversas dos acompanhantes e os latidos esganiçados dos cachorros; “as pessoas têm o hábito de observarem, pela janela, o que se passa na rua e na praça. Ao chegar ou sair tenho a nítida impressão de estar sendo vigiada – bom pela sensação de segurança, ruim pela de sempre estar sendo controlada – a qualquer hora do dia ou da noite. Na medida em que me afasto da rua das Laranjeiras, começo a ouvir a conversa das pessoas, o ruído de painéis e o barulho dos balanços. Na praça é comum observar pessoas com expressão serena passeando ou conversando. Na praça, protegida por cerca de ferro que impede a entrada de cachorros. As crianças brincam soltas e livres. Além das babás, mães e carrinhos de bebê, idosos e adultos passeiam ou conversavam entre si e com os vizinhos que, de suas janelas e sacadas, animam o ambiente. Durante o dia, as vozes e gritos produzem agradável paisagem sonora. Durante a noite, é comum encontrar grupos de adolescentes conversando em voz alta madrugada a dentro. Alunos de escola de teatro vizinha costumam estacionar seus carros na rua nas noites de aula. Além de dificultar a vida dos moradores, retornam tarde da noite conversando em voz alta, perturbando o sossego dos moradores.

Narrativa 5: “Me encanta ouvir o farfalhar das folhas das amendoeiras ou o canto dos passarinhos e o movimento dos micos; sentir o cheiro de terra durante as chuvas; me incomoda a sonodiversidade dos adolescentes em animados e descontraídos grupos à noite – às vezes excessivamente ruidosos e inconvenientes; me incomoda a ruidosa ladainha matinal dos professores da academia de ginástica, da música pasteurizada e ruidosa da casa de festas e do clube vizinhos; bem como a conversa matinal da “confraria” dos porteiros, quando lavam os carros e varrem a rua.

Narrativa 6: Os animais participam ativamente do coletivo Pires de Almeida. Chama a atenção a densidade de habitantes caninos ruidosos e histéricos. Moradores das redondezas também costuma trazer seus cães para fazerem suas necessidades fisiológicas – alguns não costumam recolher os dejetos, que sujam ruas, calçadas, além dos sapatos dos transeuntes mais distraídos. A proximidade com a mata e as amendoeiras da praça atrai diversos tipos de pássaros que alegam as manhãs com seu canto, insetos, micos e morcegos – que, ao final das tardes e início das noites mais quentes, realizam vôos razantes e, eventualmente, “visitam” os apartamentos assustando seus moradores. Esporadicamente aparecem outros visitantes menos ilustres, como cuícas.

Narrativa 7: Durante as festas juninas e copas do mundo, a rua se enfeita com coloridas bandeirinhas; também são comuns as festas de aniversário de crianças – nem sempre moradoras da rua (Fig. 8). A rua também protesta contra a omissão das autoridades públicas, por meio de faixas colocadas junto da esquina com a rua das Laranjeiras (Fig. 9) ou manifesta sua religiosidade.



Figura 8 – Festa de aniversário de criança. Fonte: O autor (2010)



Figura 9 – A Rua Protesta contra a CEDAE – Epidemia de Dengue. Fonte: O autor (2006).

Narrativa 8: O estacionamento irregular de veículos é um problema de difícil solução – em função do número restrito de vagas de garagem, moradores e visitantes estacionam seus carros na rua ou sobre a calçada, dificultando a circulação de pedestres. Este problema é agravado pela proximidade de uma empresa estatal, uma escola de teatro e duas academias de ginástica, cujos empregados e alunos costumam estacionar seus carros na rua, dificultando a vida dos moradores dos 17 edifícios que não dispõe de garagem (Fig. 10). Intervenções sem critério ou planejamento nos edifícios são visíveis. Nos quatro blocos próximos da rua das Laranjeiras, nos anos 50/60 foram construídos “puxados” no recuo de fundos; nos blocos da praça e no trecho final da rua, a construção de telhados com diferentes configurações ocupando os terraços enfeiam e descaracterizam a volumetria e as fachadas dos edifícios.

Figura 10 - Carros estacionados na calçada
Fonte: O autor (2007).

A “favelização” das fachadas dos fundos e cobertura, com a substituição das aberturas originais por outras de diversos materiais e formatos sugere falta de preocupação dos moradores com as características do edifício e com a unidade do conjunto arquitetônico (Figs. 11 e 12). A posição aleatória dos aparelhos de ar-condicionado desconsidera os elementos e a composição das fachadas. Apesar das medidas de proteção (*Narrativa 2*), modificações irregulares seguem ocorrendo sem qualquer ação impeditiva ou punitiva dos órgãos municipais. Refletem descaso a desinformação dos moradores com as exigências legais da municipalidade que, por seu turno, não faz a sua parte: a fiscalização se limita a dificultar a vida do síndico/morador que tenta regularizar

obras de manutenção – pintura, recuperação de revestimentos, etc..

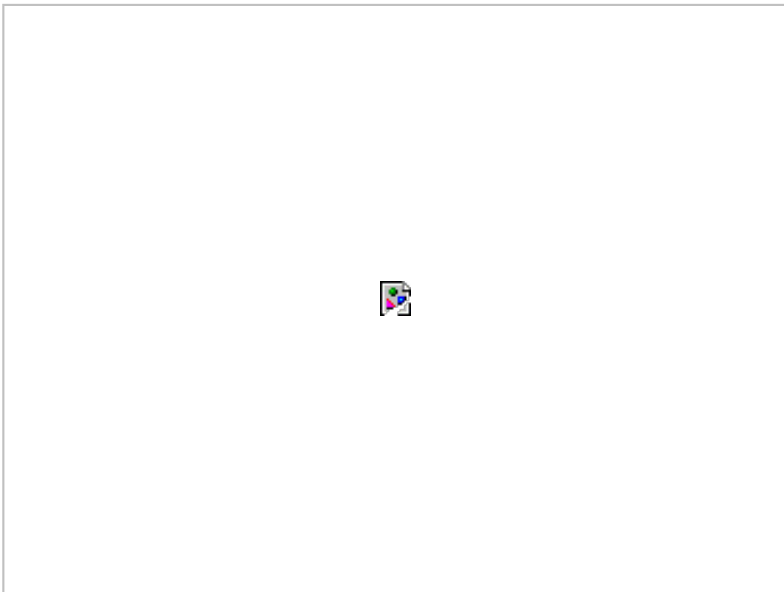


Fig. 11 – Acréscimo no terraço de edifício da Praça Mucio Leitao. Fonte: O autor (2007)

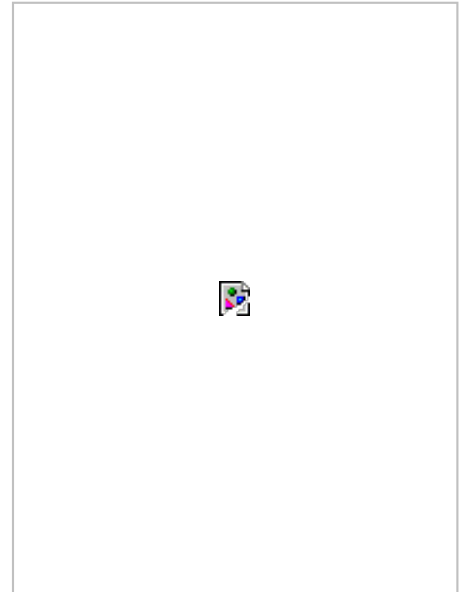


Fig. 12 – Descaracterização das fachadas dos fundos de edifício da Praça Mucio Leitão. Fonte: O autor (2010)

O lixo depositado na esquina da praça nos dias de recolha é outro problema. Como a coleta é realizada pela manhã, o lixo “convive” com as crianças, idosos e animais que freqüentam a praça. Também chama atenção a precariedade da manutenção da rua e da praça. A sensação de abandono e de falta de conservação da via e do mobiliário urbano é evidente.

Considerações Finais

O conjunto de narrativas sobre o *coletivo Pires de Almeida* apresentado sugere que o entendimento de Urbanidade na perspectiva da ANT não pode ser representado nem resumido por pensamentos ou teorias, que se tornam conhecimento congelado no espaço e no tempo. Por ser uma **experiência** dinâmica vivenciada por um **coletivo** cujas **relações** se configuram como um conjunto heterogêneo, dinâmico e inseparável de relações entre o mundo dos homens em si (sociedade) e o mundo das coisas em si (natureza). A heterogeneidade e a dinâmica das narrativas que misturam Urbanidade e Desurbanidade confirmam o argumento de Latour (2001: 338) sobre a inexistência de *um mundo lá fora* e de *uma mente lá dentro*. Elas são indicativas da impossibilidade (e da inadequação) de definir Urbanidade e Desurbanidade. Ambas são fluxos de possibilidades não deterministas que se definem na própria experiência; são fenômenos coletivos e materiais *socialmente construídos* cuja novidade é *um resultado* que deve ser continuamente atualizado e *não uma qualidade inscrita nos dados de partida*.

Apesar de possuir qualidades ambientais engendradas desde sua construção que atendem a critérios de dimensionamento da boa forma urbana, tais como *sentido*, *vitalidade* e *adequação* (Lynch 1999), a identificação dos elementos e fatores geradores da qualidade do ambiente construído reforçam o pressuposto de que nosso mundo é construído com os outros. Com os atores humanos e não-humanos durante a experiência no ambiente, e inclui o sentimento de *topofilia* (Tuan 1983), ao explicitar os entrelaçamentos e os papéis de todos os atores implicados na compreensão e na produção do conhecimento dos lugares.

O exemplo da Pires de Almeida confirma John Law (2004): existem “tipos de realidades temporariamente estáveis que são manejadas com maior ou menor eficiência pelas ciências sociais e naturais” (Law 2004: 2) cujos métodos acadêmicos de investigação não conseguem captar. As dores e os prazeres, as esperanças e os horrores, as intuições e as apreensões, as perdas e as redensões, as mundanidades e as visões, os anjos e os demônios, as coisas que deslizam e escorregam, ou que aparecem e desaparecem, que mudam de forma ou não uma forma em si, imprevisibilidades” (Law 2004: 2) se enquadram em uma lista infundável de fenômenos que não pertencem totalmente às ciências sociais, mas que pertencem parcialmente a elas. Algumas partes destes fenômenos são captadas pela etnografia, pela estatística, ou pela história, mas muitas outras escapam ou são completamente distorcidas.

“Se muito do mundo for vago, difuso ou inespecífico, evasivo, emocional, efêmero, elusivo ou indistinto, muda como um caleidoscópio, ou realmente não tem um padrão geral a seguir, ... como podemos apreender algumas das realidades que estamos perdendo na atualidade?” (Law 2004: 2)

As narrativas da rua Pires de Almeida indicam a conveniência de explorar as possibilidades da *cartografia das controvérsias* – método utilizado para mapear as diferentes traduções produzidas pelos atores, identificar possíveis “porta-vozes” para os atores envolvidos na controvérsia e seus respectivos discursos e práticas,; para mapear as diferentes versões geradoras de controvérsias ou impasses e para escolher quais passam a ser ‘fatos indiscutíveis’ ou ‘verdades’ – e da *investigação situada* (Law 2004) – um saber incorporado similar ao modo como lidamos com nossas emoções, “que nos abrem para o mundo das sensibilidades, das paixões, das intuições, dos medos e das traições” (Law 2004); de repensar nosso entendimento de clareza e rigor, ou de explorar os caminhos da imprecisão deliberada para conhecer o incerto e o evasivo; de repensar a distância entre o que conhecemos e o que pensamos em nossos devaneios, ou ainda se eles fazem sentido em outros lugares ou momentos; de pensar nossas relações com o conhecimento ou de compreender a distância entre o significado de *Urbanidade-Desurbanidade* e as possibilidades (ilusórias) de sua concretização.

Implica em reunir e cultivar diversas narrativas menores de múltiplas histórias que difundem, por todas as direções, elaborações e interações, que se mantêm coesas como um tecido de fibras; que *Urbanidade-Desurbanidade* produz formas descentradas e não singulares de ser e conhecer, que podem ser traduzidas como um mundo comum, que continuará a existir independentemente do que digam ou pensem os arquitetos.

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTRO, Rafael B. de. **Redes e Vigilância: Uma experiência de cartografia psicossocial**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social)

CUKIERMAN, Henrique. **Yes, nós temos Pasteur**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA (v 1.0). Objetiva: São Paulo: 2009.

LATOURET, Bruno. *Keynote Speech: On Recalling ANT*. In: LAW, John; HASSARD, John (eds) **Actor Network Theory and After**, Oxford: Blackwell, 1999.

_____. **Ciência em Ação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **A Esperança de Pandora**. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

_____. **Políticas da Natureza**. Bauro/SP: EDUSC, 2004.

_____. **Reassembling the Social: an Introduction to Actor-Network Theory**. Nova Iorque: Oxford Press, 2005.

LAW, John. *Notes on the Theory of the Actor Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity*. Lancaster: Centre for Science Studies, Lancaster University, 1992. Disponível em < www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-notes-on-ant.pdf > consulta em 28jul2010.

_____. **After Method: mess in social science reserch**. Oxon; Londres: Routledge, 2004.

LAW, John; HASSARD, John. **Actor Network Theory and After**. Oxford: Blackwell Publications, 1999.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (edição original em Inglês de 1960)

MACHADO, Carlos J. S. *A Invenção científica segundo o modelo da sociologia dos cientistas e os Social Studies of Science*. In **Ciência e Cultura** vol. 58 n.3 São Paulo, Jul/set 2006. Disponível em < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000300002&script=sci_arttext > acesso em 29jul2010.

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PEDRO, Rosa. *Cognição e Tecnologia: entre natureza, cultura e artifício*. In **Documenta**, n. 9. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

_____. *Redes de controle e vigilância: dinâmicas psicossociais a partir de novos dispositivos tecnológicos*. Rio de Janeiro: EICOS/IP-UFRJ, 2010 [Projeto de Pesquisa]

RHEINGANTZ, Paulo A. *De Corpo Presente - Sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído*. In: **Anais do NUTAU'2004**. São Paulo: NUTAU/USP, 2004. Disponível em < www.fau.ufrj.br/prolugar > acesso em 20dez2010.

RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D.; AMORIM, F.; BARBOSA, A.; LAUREANO, A. ; *Rua Pires de Almeida: Observação Incorporada de Um Lugar Público Particular*. In **Paisagem e Ambiente**, v.22, p.30 - 40, 2006.

RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D.; BARBOSA, A. *Pires de Almeida: Reduto da Alma Encantadora das Ruas do Rio de Janeiro*. In COMAS, C. A.; PEIXOTO, M.; MARQUES, S. M. (org.) **O Moderno Já Passado O Passado no Moderno: reciclagem, requalificação, rearquitectura**. Porto Alegre : Editora UniRitter, 2009, v.6, p. 279-300.

URBANIDADE. Disponível em < <http://groups.google.com.br/group/urbanidade> > consulta em 10set2010.

VARELA, Francisco. **Sobre a competência ética**. Lisboa: edições 70, 1992.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente Incorporada**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

WIKIPÉDIA. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org> > consulta em 11set2010.

[1] Brasileiro, Arquiteto (1976), Doutor em Engenharia de Produção (2000). Professor Associado 3 DPA/FAU/UFRJ, líder do grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR), co-autor dos livros Projeto do Lugar (2002), O Lugar do Projeto (2007) e Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para avaliação pós-ocupação (2009). Pesquisador nível 2 do CNPq.

[2] Varela, Thompson, Rosch (2003).

[3] Rheingantz, (2004)

[4] Em que pese o termo Inglês "actant" (**atuante** ou **actante**) ser mais adequado com a proposição atuacionista de Varela, Thompson e Rosch (2003), bem como as reconhecidas limitações da palavra **ator** – que usualmente se aplica (ou se limita) aos humanos – **ator**

é aquele que se transforma em outro, que sua competência pode ser deduzida de seus desempenhos ou representações (Latour 2001; 2004) – neste artigo, alinhado com John Law, utilizo o termo **ator** ao me referir a todos os humanos e não-humanos implicados com o coletivo urbano.

[5] Subjetividade – segundo Guattari, a subjetividade é o efeito das conexões de uma rede, e é preciso ter cuidado para não confundi-la com “individualidade” (Castro 2008: 49).

[6] Cf. original em Inglês “Restrictions on the conditions of topological possibility.”

[7] Cf. Pedro (2010), **ator** é uma rede moldada por relações heterogêneas; **é um efeito de rede** que participa e molda outras redes e, para que um ator possa formar uma aliança com outros atores, os interesses devem ser traduzidos, deslocados, desviados, de forma a mobilizar outros atores ... e outras redes.

[8] Cf. Latour (2001: 29), “em lugar de três pólos – uma realidade “fora”, uma mente “dentro” e uma multidão “embaixo” – chegamos por fim a um senso que chamo de **coletivo**”. Cf. Pedro (1998), cada objeto ou evento deve ser concebido como um coletivo – mistura de homens, coisas e técnicas – cujo movimento “apaga” as fronteiras entre sujeito e objeto (Pedro 1998). A exploração das fronteiras arbitradas entre o “técnico” e o “social” gera um conjunto de híbridos de ciência e cultura, que coloca lado a lado as narrativas dos seus diversos protagonistas.

[9] Em concordância com o entendimento de Zigmunt Bauman de que identidade “é um monte de problemas ... de nossa era ‘líquido-moderna’” (Bauman 2005: 18) ... “Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a **identificação** se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso” (Bauman 2005: 30). [grifo nosso]

[10] Cf. Latour (1988: 253), **tradução** “significa deslocamento, traição, ambigüidade. Significa, portanto, que partimos da não equivalência entre interesses ou jogos de linguagem e que o objetivo da tradução é tornar equivalentes duas proposições.” “Na teoria social, simplicidade não dá conta das complexidades em tensão.” (Law 1999:1)

[11] Cf. Pedro (2010), uma rede sócio-técnica se caracteriza por estabelecer campo de tensões heterogêneas, e pressupõe a idéia de vários nós e múltiplas relações na produção das configurações sociais e subjetivas, buscando traduzir a complexidade presente nestas relações; trata-se de uma configuração instável e dinâmica caracterizada por trocas intensas entre os vários pontos, conexões e atores; ela também possibilita articular agenciamentos, configurados em relações fluidas e cambiáveis que precisam ser refeitas incessantemente para adquirirem existência.

[12] Quando o cientista cria um experimento no laboratório, entram diversas outras coisas que não apenas o experimento: a política, a economia, a tecnologia, etc. Cf. Latour (2001: 33-34), “se a Ciência possui certeza, frieza, distanciamento, objetividade, isenção e necessidade, a Pesquisa parece apresentar todas as características opostas: ela é incerta, aberta às voltas com problemas insignificantes como dinheiro, instrumentos e *know-how*, incapaz de distinguir até agora o quente do frio, o subjetivo do objetivo, o humano do não-humano.”

[13] Exceção feita à presença da guarita instalada em 1994 para evitar a presença de pessoas indesejadas – traficantes e sem teto dormiam e faziam sexo na praça.

[14] As relações de altura e largura do conjunto rua-edifícios foram detalhadas por Rheingantz, Alcantara e barbosa (2007). ,

[15] *Um pedacinho da Europa preservado no Rio*. O Globo, 2/01/1997, Zona Sul, p. 13

[16] Transcrito do Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, Ano I • N^o. 156 • Rio de Janeiro • Quinta-feira, 29 de outubro de 1987, pp. 1 e 2.

[17] Jornal do Brasil, Revista Domingo, 21/02/1999, p.24.

[18] O Globo 10/05/1998, Morar Bem, p. 2

[19] O Globo 13/07/1991, O Meu Rio/Paulo Gracindo.

[20] O Globo 20/09/1988. Botafogo, p. 5

[21] O Globo, 23/05/1999.

[22] O Globo, 31/09/2001. Morar Bem, p. 2

[23] O Globo, 6/08/2000, Morar Bem, p.25.

[24] Depoimento de moradora de 17 anos In *Vila Pires de Almeida: Marselha é aqui*. Folha da Laranjeira, junho/2001, p. 8